

## A SEMANA – 131

John Gledson

Machado inicia a crônica falando novamente de literatura, desta vez de uma grande admiração sua, José de Alencar. Fala dos livros de dois amigos, Araripe Júnior e José Veríssimo (este mais chegado que aquele), os maiores críticos literários brasileiros do fim do século. O resto da crônica é uma série de comentários a acontecimentos da semana ou contemporâneos (como a descoberta da vacina, assunto a que voltaria na semana seguinte), em que a ironia é tão abrangente, que parece que o próprio cronista se prende nela e se confunde (“Não creio que o período anterior esteja claro. Este vai sair menos claro ainda”; “Menos claro que tudo, é este período final.”); um dos modelos talvez seja o *Elogio da loucura* de Erasmo, em que a própria Loucura se elogia. Difícil – impossível? – acreditar que Machado preferisse que o prefeito do Distrito Federal fosse nomeado pelo presidente (paulista) do Brasil.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 182-186.



## A SEMANA

2 de dezembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Quando me leres, poucas horas terão passado depois da tua volta do Cassino. Vieste da festa Alencar,<sup>1</sup> é domingo, não tens de ir aos teus negócios, ou aos teus passeios, se és mulher, como me pareces. Os teus dedos não são de homem. Mas, homem ou mulher, quem quer que sejas tu, se foste ao Cassino, pensa que fizeste uma boa obra, e, se não foste, pensa em Alencar, que é ainda uma obra excelente. Verás em breve erguida a estátua. Uma estátua por alguns livros!

Olha, tens um bom meio de examinar se o homem vale o monumento, etc. É domingo, lê alguns dos tais livros. Ou então, se queres uma boa ideia dele, pega no livro de Araripe Júnior, estudo imparcial e completo, publicado agora em segunda edição.<sup>2</sup> Araripe Júnior nasceu para a crítica; sabe ver claro e dizer bem. É o autor de *Gregório de Matos*, creio que basta. Se já conheces *José de Alencar*, não perdes nada em relê-lo; ganha-se sempre em reler o que merece, acrescentando que acharás aqui um modo de amar o romancista, vendo-lhe distintamente todas as feições, as belas e as menos belas, o que é perpétuo, e o que é perecível. Ao cabo, fica sempre uma estátua do chefe dos chefes.

Queres mais? Abre este outro livro recente, *Estudos Brasileiros*, de José Veríssimo.<sup>3</sup> Aí tens um capítulo inteiro sobre Alencar, com a particularidade de tratar justamente da cerimônia da primeira pedra do monumento, e, a propósito dele, da figura do nosso grande romancista nacional. É a segunda série de estudos que José Veríssimo

---

<sup>1</sup> Esta festa foi um concerto, em benefício da estátua do romancista, que foi erguida, finalmente, em maio de 1897. Machado proferira um discurso sobre seu amigo no lançamento da pedra fundamental, em 12 de dezembro de 1891. O Cassino Fluminense ficava na rua do Passeio.

<sup>2</sup> Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911), crítico literário e primo de José de Alencar, era amigo e correspondente de Machado, sem ser íntimo. Seu estudo *José de Alencar* saíra em primeira edição em 1882; *Gregório de Matos* é de 1893.

<sup>3</sup> José Veríssimo (1857-1916), crítico literário, foi amigo chegado de Machado, e escreveu vários ensaios críticos sobre sua obra. Aqui, Machado se refere ao segundo volume dos seus *Estudos brasileiros* (1894 – não deve ser confundido com os *Estudos de literatura brasileira*, em sete volumes, que publicou a partir de 1895), em que republicou um longo estudo sobre *Quincas Borba* (“Um novo livro do Sr. Machado de Assis”), que saíra no *Jornal do Brasil* em janeiro de 1892.

publica, e cumpre o que diz no título; é brasileiro, puro brasileiro. Da competência dele nada direi que não saibas: é conhecida e reconhecida. Há lá certo número de páginas que mostram que há nele também muita benvolência. Não digo quais sejam: adivinha-se o enigma lendo o livro; se, ainda lendo, não o decifrares, é que me não conheces.

E assim, relendo as críticas, relendo os romances, ganharás o teu domingo, livre das outras lembranças, como desta ruim semana. Guerra e peste; não digo fome, para não mentir, mas os preços das coisas são já tão atrevidos, que a gente come para não morrer.

A peste, essa anda perto, como espiando a gente.<sup>4</sup> Oh! grão de areia de Cromwell, que vales tu, ao pé do bacilo vírgula?<sup>5</sup> Qualquer Cromwell de hoje, com infinitamente menos que um grão de areia, cai do mais alto poder da terra no fundo da maior cova. Francamente, prefiro os tempos em que as doenças, se não eram maleitas, barrigas- d'água, ou espinhela caída, tinham causas metafísicas e curavam-se com rezas e sangrias, benzimentos e sanguessugas. A descoberta do bacilo foi um desastre. Antigamente, adoecia-se; hoje mata-se primeiro o bacilo da doença, depois adoce-se, e o resto da vida dá apenas para morrer.

Tantas pessoas têm já visto o bacilo vírgula e toda a mais pontuação bacilar, que não se me dá dizer que o vi também. Começa a ser distinção. Um homem capaz não pode já existir sem ter visto, uma vez que seja, essa extraordinária criatura. O bacilo vírgula é a Sarah Bernhardt da patologia, o cisne preto dos lagos intestinais, a bicha<sup>6</sup> de sete cabeças, não tão raro, nem tão fabuloso. Quero crer que todas essas vírgulas que vou deitando entre as orações, não são mais que bacilos, já sem veneno, temperando assim a patologia com a ortografia, – ou vice-versa.

Quanto à guerra, houve apenas duas noites de combate, investidas a quartéis e corpos de guarda, nacionais contra policiais, gregos contra troianos, tudo por causa de

---

<sup>4</sup> No dia 28, com a manchete “EPIDEMIA”, diz-se que há “casos de diarreia infectocontagiosa” em alguns lugares do interior do Estado, entre Cachoeira e Barra do Piraí. O que se temia era a cólera, ou, como se dizia, uma “moléstia coleriforme”. Já no fim da semana, há uma tendência a “dissipar a ideia da cólera asiática”, e os ânimos se tranquilizam, mas o assunto ainda aparece ao longo do mês de dezembro, suscitando briga, inclusive: os jornais acusavam-se mutuamente de alarmismo ou de indiferença.

<sup>5</sup> Machado se refere a uma das *Pensées* de Blaise Pascal (1623-1662), II, 176, em que toma como exemplo dos acidentes da história a morte do Lorde Protetor inglês, em 1658: “Cromwell allait ravager toute la chrétienté; la famille royale était perdue, et la sienne à jamais puissante, sans un petit grain de sable qui se mit dans son uretère”. (“Cromwell ia devastar toda a cristandade; a família real estava perdida, e a sua poderosa para sempre, se não fosse um grão de areia que entrou no seu ureter”). De fato, parece que a causa da sua morte foi uma infecção urinária. O bacilo vírgula é o causador da cólera asiática: foi isolado, e os seus efeitos foram entendidos, pela primeira vez, em 1883 por Robert Koch (1843-1910). Como se sabe, a vacina é feita a partir de uma cultura do organismo morto.

<sup>6</sup> Está assim na *Gazeta*: ambos, Aurélio e Mário de Alencar, têm “o bicho”, e pode ser que estejam corretos, embora Aurélio diga “provavelmente por erro de revisão” (ênfase minha). Sem dúvida pensam na expressão “bicho de sete cabeças”, mas Machado bem pode ter adaptado esta mesma expressão, jogando com as palavras, sobretudo num contexto de sanguessugas, bacilos (isto é, bichas, vermes no corpo) etc. “Bicha” designa, entre outras coisas, a lombriga e a tênia, patógenos intestinais.

uma Helena, que se não sabe quem seja.<sup>7</sup> Ouvi ou li que foi por causa de um chapéu. É pouco; mas lembremo-nos que assim como o bacilo vírgula substituiu o grão de areia de Cromwell, assim o chapéu substitui a mulher, e tudo irá diminuindo... Somos chegados às coisas microscópicas, não tardam as invisíveis, até que venham as impossíveis. Um chapéu de palhinha de Itália deu para um *vaudeville*;<sup>8</sup> este, de palha mais rude, deu para uma tragédia. Tudo é chapéu.

Não quero saber de assassinatos, nem de suicídios, nem das longas histórias que eles trouxeram à hora da conversação;<sup>9</sup> é sempre demais. Também não vi nem quero saber o que houve com as pernas de um pobre moço, no Catete, que ficaram embaixo de um bonde da Companhia Jardim Botânico.<sup>10</sup> Ouvi que<sup>11</sup> se perderam. Não é a primeira pessoa a quem isto acontece, nem será a última. A companhia pode defender-se muito bem, citando Victor Hugo, que perdeu uma filha por desastre, e resignadamente comparou a criação a uma roda:

Que la création est une grande roue  
Qui ne peut se mouvoir sans écraser quelqu'un.<sup>12</sup>

A mesma coisa dirá a Companhia do Jardim Botânico, em prosa ou verso, mas sempre a mesma coisa: – “Eu sou como a grande roda da criação, não posso andar sem esmagar alguma pessoa.” Comparação enérgica e verdadeira. A fatalidade do ofício é que a leva a quebrar as pernas aos outros. O pessoal desta companhia é carinhoso, o

---

<sup>7</sup> Na *Gazeta* do dia 29, na segunda página, sob a manchete “SÉRIO CONFLITO”, fala-se de uma briga entre o 8º batalhão da guarda nacional e vários praças da polícia, que levou o pânico à Cidade Nova. No dia 27, “às 8 horas da noite, um soldado do 8º apresentou-se diante da 9ª estação, à rua de Santa Rosa, a pretexto de vingar-se de um cocheiro de bonde. Travou-se de razões com ele, sendo por isso recolhido àquela estação. Nesta ocasião declarou que tinha quem o vingasse, e que não temia a polícia, prorrompendo em insultos de todo o gênero”. Daí o conflito se espalhou pelo bairro, e pelo menos uma pessoa foi morta. As “verdadeiras causas” do conflito permanecem misteriosas: “Não é possível afirmar qual a soma de responsabilidade que cabe a este ou aquele nesta triste ocorrência que tanto sobressalta os filhos da terra, quanto nos desacredita no estrangeiro”. No dia em que Machado escreve a crônica, 1º de dezembro, diz-se que um praça da guarda nacional “furtara o chapéu de José de Andrade, cocheiro da Cia. de São Cristóvão”.

<sup>8</sup> *Un chapeau de paille d'Italie* (1851), de Eugène Labiche (1815-1888), comédia-*vaudeville* muito popular.

<sup>9</sup> No dia 28, na primeira página da *Gazeta*, vem a manchete “ASSASSINATO E SUICÍDIO”: na rua Senador Vergueiro, no Flamengo, perto do Hotel de Estrangeiros, tinha sido morto a tiros o “conhecido negociante desta praça”, Maximiano Nothmann, por outro alemão, Gustavo Reinhardt. Parece que Nothmann ameaçava denunciar Reinhardt por cem contos supostamente roubados de um banco seu em Buenos Aires. Reinhardt, depois de ter atirado em Nothmann, suicidou-se – na mesma rua, do outro lado.

<sup>10</sup> Não localizei esta notícia, que seria como muitas, acabando com a frase ritual “O cocheiro evadiu-se”. Sabia-se que as companhias acobertavam seus funcionários em casos de atropelo.

<sup>11</sup> “oui vque”, na *Gazeta*.

<sup>12</sup> Versos de “À Villequier”, de Victor Hugo (1802-1885), de *Les contemplations* (1856), em que o poeta lamenta a morte de sua filha Léopoldine, afogada num acidente no rio Sena em 1843. Machado também se referiu a estes versos na crônica de 23 de outubro de 1892.

horário pontual, nenhum atropelo, nenhum descarrilamento, as ordens policiais contra os reboques são cumpridas tão exatamente, que não há coração bem formado que não chegue a entusiasmar-se. Se ainda vemos dois e três carros puxados por um elétrico, é porque a eletricidade atrai irresistivelmente, e os carros prendem-se uns aos outros; mas a administração estuda um plano que ponha termo a esse escândalo das leis naturais.

Terras há em que os casos, como os do Catete, são punidos com prisão, indenização e outras penas; mas para que mais penas, além das que a vida traz consigo? Demais, os processos são longos, não contando que a admirável instituição do júri – é a melhor escola evangélica destes arredores: “Quem estiver inocente, que lhe atire a primeira pedra!” exclama ele com o soberbo gesto de Jesus. E o réu, seja de ferimento ou simples estelionato, é restituído ao ofício de roda da criação.

O melhor é não punir nada. A consciência é o mais cru dos chicotes. O dividendo é outro. Uma companhia de carris que reparta igualmente aleijões ao público e lucros a si mesma, verá nestes o seu próprio castigo se é caso<sup>13</sup> de castigo; se o não é, para que fazê-la padecer duas vezes?

Não creio que o período anterior esteja claro. Este vai sair menos claro ainda, visto que é difícil ser fiel aos princípios e não querer que o prefeito saia das urnas.<sup>14</sup> A verdade, porém, é que eu prefiro um prefeito nomeado a um prefeito eleito, – ao menos, por ora. José Rodrigues, a quem consulto em certos casos, vai mais longe, entendendo que os próprios intendentes deviam ser nomeados. É homem de arrocho; o pai era saquarema.<sup>15</sup>

Menos claro que tudo, é este período final. Tem-se discutido se o Hospício Nacional de Alienados deve ficar com o Estado ou tornar à Santa Casa de Misericórdia.<sup>16</sup> Consultei a este respeito um doido, que me declarou chamar-se duque do Cáucaso e da Cracóvia, conde Estelário, filho de Prometeu, etc., e a sua resposta foi esta:

– Se é verdade que o Hospício foi levantado com o dinheiro de loterias e de títulos nobiliários, que o José Clemente<sup>17</sup> chamava imposto sobre a vaidade, é evidente

---

<sup>13</sup> Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar; Aurélio tem “se é o caso”.

<sup>14</sup> Propunha-se que o prefeito do Distrito Federal fosse nomeado pelo presidente da República (sendo o modelo o Distrito de Columbia, nos Estados Unidos). No dia 27, há um longo artigo na *Gazeta*, argumentando que “a população da capital da República, a mais inteligente, importante, ativa e civilizada das suas cidades”, devia eleger seu próprio prefeito.

<sup>15</sup> Quer dizer, é conservador e autoritário, ainda acredita nos velhos costumes (violentos) das eleições do império (o partido conservador era sempre referido como “saquarema”).

<sup>16</sup> O Hospício Nacional (ex-Hospício Pedro II) situava-se na praia Vermelha.

<sup>17</sup> José Clemente Pereira, nascido em Portugal mas partidário entusiasta da independência brasileira, ministro e senador do Império (1787-1854). A *Galeria dos brasileiros ilustres* diz que, apesar das façanhas militares e políticas, “em nada avulta mais que o homem da caridade que concebeu o plano e realizou a construção dos dois mais belos e mais úteis edifícios desta corte, onde o pobre que sofre do corpo e o que sofre do espírito acham remédio para seus males”. Isto é, os hospitais da Misericórdia e o de Pedro II – Nacional de Alienados na república.

que o Hospício deve ser entregue aos doidos, e eles que o administrem. O grande Erasmo (ó Deus!) escreveu que andar atrás da fortuna e de distinções é uma espécie de loucura mansa;<sup>18</sup> logo a instituição, fundada por doidos, deve ir aos doidos, – ao menos, por experiência. É o que me parece! é o que parece ao grande príncipe Estelário, bispo, *episcopus, papam...* O seu a seu dono.<sup>19</sup>



---

<sup>18</sup> No *Elogio da loucura* (1509) – ou da Sandice, como traduz Machado no cap. CXLIX de *Memórias póstumas de Brás Cubas* – de Erasmo de Roterdão (1466-1536). O trecho mencionado por Machado parece corresponder à seção 20 da obra.

<sup>19</sup> “ono”, na *Gazeta*.